

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)  
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**SIMONE HENZ NUNES**

**AS ATROCIDADES DA SEGUNDA GUERRA SINO-JAPONESA: O CASO  
DAS “MULHERES CONFORTO” (1932-1945)**

**São Leopoldo  
2024**

SIMONE HENZ NUNES

**AS ATROCIDADES DA SEGUNDA GUERRA SINO-JAPONESA: O CASO  
DAS “MULHERES CONFORTO” (1932-1945)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História, pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Máira Ines Vendrame

**São Leopoldo**

**2024**

"É fácil dizer: 'Eu preferia estar morta'. É muito mais difícil realmente fazer isso. Esse é um grande passo." Lee Ok-Seon, sobrevivente do Sistema de Conforto.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, minha mãe que me acompanhou em todo percurso, meu pai que me acompanho lá do céu, minha prima Fernanda e dinda Lúcia que sempre me incentivaram nos estudos e a seguir meus sonhos. As minhas amigas que me auxiliaram todo esse tempo, em especial minha amiga/colega Jeane que sempre esteve ao meu lado. Impossível não lembrar dos meus filhos de quatro patas Nabi, e o Hobi, que nunca me deixaram sozinha durante todas as escritas realizadas durante o curso de história. Aos meus professores do curso, passamos juntos por muitos momentos que ficaram marcados na história como a pandemia do covid-19, que exigiu meios de adaptação para continuarmos as aulas e conseguiram manter nossos aprendizados mesmo perante perdas pessoais e todo contexto que nos cercava. Obrigada a todos.

## RESUMO

Entre 1937 e 1945, ocorreu a Segunda Guerra Sino-Japonesa, um conflito impulsionado pela busca do Japão por expansão territorial e fortalecimento de seu império. Como em toda guerra, atos de violência e barbárie foram perpetrados, incluindo atrocidades cometidas contra mulheres chinesas e coreanas. O objetivo deste trabalho é ampliar o entendimento sobre as chamadas "mulheres de conforto" e investigar como surgiram as estações de trabalho forçado durante esse período. A pesquisa será conduzida por meio da análise de artigos e textos acadêmicos sobre o tema. Ao longo do trabalho, abordaremos o contexto das Guerras Sino-Japonesa, o massacre de Nanquim e o surgimento das redes de conforto, destacando seu propósito real e as atrocidades cometidas contra as mulheres do leste asiático. Serão também apresentados relatos pessoais de vítimas que sofreram tortura, estupros e diversos outros tipos de violência. E, por fim, vai ser analisado as posições dos países envolvidos sobre os atos de violência sexual contra as mulheres, bem como as consequências dos atos a escravidão sexual que foi imposta as mulheres e seus efeitos até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Guerra Sino-Japonesa; Mulheres Conforto; Estações de Conforto Militar; Violência contra a mulher.

## ABSTRACT

Between 1932 and 1945, happened the Second Sino-Japanese War, a conflict driven by Japan's quest for territorial expansion and strengthening its empire. As in every war, acts of violence and barbarism have been perpetrated, including atrocities committed against Chinese and Korean women. The objective of this work is to broaden the understanding of the so-called "comfort women" and to investigate how forced labor stations emerged during this period. The research will be conducted through the analysis of articles and academic texts on the subject. Throughout the work, we will address the context of the Sino-Japanese Wars, the Nanjing massacre and the emergence of comfort nets, highlighting their real purpose and the atrocities committed against East Asian women. Personal accounts of victims who suffered torture, rape and various other types of violence will also be presented. Finally, the positions of the countries involved on acts of sexual violence against women will be analyzed, as well as the consequences of the acts of sexual violence that were imposed on women and their effects to this day.

**Keywords:** Sino-Japanese War; Comfort Women; Military Comfort Stations; Violence against women.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1- Mapa da Expansão Japonesa. ....	17
Figura 2: Mulheres conforto com soldado japonês. ....	23
Figura 3: Estatua da Paz – Coreia do Sul. ....	32

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 AS GUERRAS SINO-JAPONESAS .....</b>	<b>11</b>
2.1 A PRIMEIRA GUERRA SINO-JAPONESA .....	13
2.2 A SEGUNDA GUERRA SINO-JAPONESA .....	14
<b>3 O MASSACRE DE NAMQUIM E AS MULHERES CONFORTO .....</b>	<b>18</b>
3.1 O REUSO DE RELATOS DAS VÍTIMAS .....	23
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>27</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As Guerras Sino-Japonesas, ocorridas entre a China e o Japão, constituem um dos capítulos mais significativos e traumáticos da história do Leste Asiático, com repercussões que atravessaram o século XX e ainda influenciam as relações internacionais até os dias atuais. A primeira guerra sino-japonesa, travada entre 1894 e 1895, teve como principal causa a disputa pelo controle da Coreia, que na época, era um território estratégico para ambos os países. Embora o Japão tenha vencido a guerra, está, não foi apenas um marco no processo de modernização do país, mas também uma das primeiras demonstrações da força e da conquista de poder do imperialismo japonês na região. Por outro lado, a segunda guerra sino-japonesa, que começou em 1937 e se estendeu até 1945, foi um conflito mais complexo e devastador. Durante esse período, o Japão impôs uma ocupação brutal à China e à Coreia, caracterizada por massacres, atrocidades e violações de direitos humanos.

Entre as muitas atrocidades cometidas pelo Exército Imperial Japonês durante a Segunda Guerra Sino-Japonesa, uma das mais desumanas e menos discutidas foi a sistemática do tráfico e exploração sexual de mulheres, conhecidas como "mulheres de conforto"<sup>1</sup>. Esse termo é utilizado para se referir a milhares de mulheres, em sua maioria coreanas, mas também Chinesas e Filipinas, que foram forçadas a trabalhar como escravas sexuais para os soldados japoneses. Estima-se que entre 50 mil e 200 mil mulheres tenham sido vítimas desse sistema, que teve início em 1932 e perdurou até o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

Este sistema foi concebido como um reflexo do patriarcado, que historicamente moldou e restringiu o papel das mulheres, apresentando-as como figuras secundárias dentro da família e, da sociedade. O apagamento das mulheres da narrativa histórica, aliado às representações restritas que as associavam ao âmbito doméstico, à maternidade e ao marido, constitui mais uma manifestação do mundo machista. Apenas com a valorização da História oral e o fortalecimento dos movimentos feministas, passou-se a olhar para a trajetória feminina com uma nova perspectiva, permitindo a reavaliação da história sob um

---

<sup>1</sup> Mulheres que foram forçadas a escravidão sexual pelo Império japonês. Termo utilizado pelo Japão com o objetivo de diminuir a verdadeira prática que foi desenvolvida: a escravidão sexual.

novo enfoque<sup>2</sup>. O processo de apagamento cultural e histórico começou a se desfazer, proporcionando às mulheres a oportunidade de narrar e escrever sua própria história, oferecendo assim uma nova visão sobre suas vidas no passado, que antes se mostrava inacessível.

Este trabalho tem como objetivo analisar as Guerras Sino-Japonesas dentro de um contexto mais amplo de relações de poder, imperialismo e violência, com foco no sofrimento das mulheres de conforto. Buscamos entender as razões que levaram o Império japonês a implementar uma política de exploração sexual sistemática durante a ocupação da China e da Coreia, além de examinar as condições de vida dessas mulheres nas casas de conforto e os efeitos traumáticos dessa experiência em suas vidas. A pesquisa também abordará as reações do Japão, da Coreia e da comunidade internacional nas décadas seguintes ao conflito, incluindo os processos de reconhecimento, reparação e o papel da memória histórica no tratamento dessa questão até os dias atuais.

O trabalho será desenvolvido em três capítulos, o primeiro capítulo tem o objetivo de apresentar ao leitor o espaço histórico da pesquisa, no qual é abordado a temática das duas Guerras Sino-Japonesa. O recorte temporal do estudo da segunda guerra sino-japonesa ocorre entre os anos de 1932 a 1945, período que abrange tanto o referido conflito e parte da Segunda Guerra Mundial. Será apresentado um panorama geral sobre os interesses e objetivos do Japão na guerra, e os efeitos que ela acarretou para os países dominados pelo império japonês.

No segundo capítulo será desenvolvido a análise do Massacre de Nanquim (episódio que durou seis semanas, tendo seu início em 13 de dezembro de 1937). Esse movimento foi marcado pela brutalidade do exército japonês, principalmente contra as mulheres. Muitas delas foram torturadas, estupradas e mortas, sendo que outras foram raptadas e feitas de escravas sexuais. Esses atos públicos, de certa forma, denegriram a imagem do Japão. Por conta disso, após o acontecimento, o comando japonês estabeleceu a ampliação das estações de conforto (bordéis exclusivos para as tropas japonesas, onde eles poderiam satisfazer seus desejos de forma mais privada). Eram para esses

---

<sup>2</sup> CORRENT, Nikolas. HISTÓRIA ORAL & HISTÓRIA DAS MULHERES: ENTRE SILENCIAMENTOS E MEMÓRIAS. História e Cultura. Dossiê Temático. v.11, n.1, jul/2022.

locais que mulheres chinesas e majoritariamente coreanas passaram a ser levadas durante a segunda guerra Sino-Japonesa. Esses atos fizeram com que milhares de mulheres fossem submetidas a diversos tipos abusos físicos e mentais no decorrer dos anos.

O terceiro capítulo irá apresentar as ações tomadas pelo Japão e a Coreia após o fim das estações de conforto, e as consequências desse sistema para as vítimas sobreviventes. Além de uma análise sobre responsabilidade legal do Japão referente ao assunto, e a batalha das mulheres conforto para conseguirem serem ouvidas sem serem condenadas pela sociedade patriarcal em que vivem.

O estudo das mulheres de conforto vai além da análise de uma história marcada pelo sofrimento e pela opressão. Isso por quê; o reconhecimento das atrocidades cometidas contra essas mulheres revela questões mais amplas sobre direitos humanos, o papel da mulher e os crimes de guerra. A pesquisa sobre as Guerras Sino-Japonesas e as mulheres de conforto nos permite refletir sobre o impacto das violências da guerra no corpo feminino, a construção histórica da mulher e como esses eventos ajudaram a reforçar estruturas de machismo e a subordinação do feminino.

## **2 AS GUERRAS SINO-JAPONESA**

Este estudo visa analisar as relações entre Japão, China e Coreia, com foco nas duas Guerras Sino-Japonesas, a fim de compreender o contexto das chamadas "casas de conforto"<sup>3</sup> e as mulheres de conforto que foram exploradas nesse cenário. Para isso, é necessário analisar e compreender as guerras, as interações entre os países, as motivações e os interesses de cada nação envolvida. Ao final do século XIX, as relações entre esses países estavam centradas em interesses de expansão territorial e ampliação de recursos produtivos.

A Primeira Guerra Sino-Japonesa, ocorrida entre 1894 e 1895, foi um conflito militar entre o Império japonês e a dinastia Qing da China. O principal objetivo do Japão era conquistar a Coreia, que na época era um território

---

<sup>3</sup>As Casas de Conforto eram o espaço físico onde as "mulheres de conforto" eram alojadas, mantidas em cárcere, exploradas sexualmente e torturadas física e mentalmente.

vassalo<sup>4</sup> da China. A disputa pela Coreia estava diretamente relacionada à sua localização estratégica no Leste Asiático, o que tornava o país um ponto de interesse crucial para ambos os impérios. Durante o final do século XIX, tanto a China quanto o Japão passaram por profundas transformações, estando sujeitos a pressões externas, especialmente do Ocidente. A dinastia Qing da China enfrentava dificuldades devido à crescente insatisfação interna, evidenciada por rebeliões como a Taiping<sup>5</sup> e a dos Boxers, além da crescente intervenção das potências ocidentais.

Entre 1899 y 1901, las fuerzas japonesas se unieron a las europeas para sofocar el levantamiento de los bóxers contra la influencia europea. Así, Japón se aseguró aún más concesiones en China. El levantamiento de los bóxers destacó por las atrocidades de ambos bandos, ya que civiles y milicias chinas mataron y torturaron a soldados enemigos e incluso violaron a las mujeres que cayeron en sus manos. Por su parte, las tropas alemanas, rusas y japonesas también exhibieron fuertes represalias en respuesta. Sobre todo las japonesas, que a menudo quemaron aldeas enteras. (CLAYTON, 2020, p.15).

Após a Restauração Meiji<sup>6</sup> (1868), o Japão passou por um processo de modernização e ocidentalização, com o objetivo de se tornar um competidor das potências ocidentais e outras nações asiáticas. Nesse contexto, a Coreia, enquanto estado vassalo da China, se tornou um ponto de tensão geopolítica, sendo alvo de disputas entre as duas potências. O Japão, em ascensão como potência moderna, buscava expandir sua influência sobre a Coreia para garantir sua segurança e estabelecer pontos estratégicos para a própria expansão, visando controlar a China futuramente. Em contrapartida, a China ainda mantinha certo domínio sobre a Coreia e resistia às pressões japonesas, buscando preservar sua influência sobre o território.

O objetivo do Japão consistia em subjugar a China e transformá-la numa colônia. Isso fazia parte do plano, mais vasto, de expulsar as potências ocidentais da Ásia e consolidar-se como

---

<sup>4</sup> A Coreia sendo vassala da China era subordinada dela, devendo obedecer e cumprir o que fosse solicitado.

<sup>5</sup> Guerra civil na China entre a Dinastia Qing e o grupo Reino Celestial, liderada por uma família rival, os Han. Durou de 1850 a 1864.

<sup>6</sup> Reformações no regime teocrático que vigorava, as mudanças ocorreram no governo, na educação, economia e religião. Transformou o Império do Japão em um moderno sistema de nação-estado.

único imperialismo na região. Contando com as matérias-primas e a mão de obra dos países colonizados, o Japão poderia realizar seu desenvolvimento industrial e ombrear-se com as potências europeias e os Estados Unidos. (POMAR, 2003, p. 59).

Ao mesmo tempo, a Coreia enfrentava tensões internas, devido à corrupção governamental, facções que buscavam maior autonomia e reformas sociais, além de sofrer com a intervenção das potências estrangeiras. Dessa forma, a Coreia se encontrava em uma posição vulnerável, sob influência da China e disputada pelo Japão, enquanto também lidava com pressões externas de potências ocidentais. Diante desse cenário, a população coreana buscava autonomia e a lutava por sua independência.

A Coreia estava em uma posição vulnerável, enquanto o Japão, após a Restauração Meiji, passava por um processo de modernização, com ênfase na industrialização, no fortalecimento de seus armamentos e no investimento nas forças armadas. Todos esses passos visavam a transformação do Japão em uma potência imperial, semelhante ao Império Britânico e à Alemanha. O Japão adotava ideologias autoritárias, que o levaram a firmar alianças e adotar ações semelhantes às da Alemanha nazista, incluindo graves violações dos direitos humanos. “Entre as principais atrocidades cometidas pelos exércitos japoneses, que afetaram não apenas os coreanos, mas também várias outras vítimas de diferentes países, destacam-se trabalhos forçados, campos de concentração, abusos sexuais contra mulheres jovens e experiências humanas, práticas que lembram as perpetradas pelo regime nazista da Alemanha” (NAM, 2018, p. 18).

Nesse contexto, a China estava enfraquecida por crises internas e externas, com sua influência e poder significativamente reduzidos, tanto no âmbito doméstico quanto internacional. O país enfrentava desafios relacionados à insatisfação popular e a uma evidente desvantagem militar em comparação com o Japão em ascensão.

## **2.1 A PRIMEIRA GUERRA SINO-JAPONESA**

A guerra teve início em julho de 1894, quando o Japão declarou guerra à China, após ataques contra a Coreia. O Japão, já com forças armadas modernizadas, obteve vitórias decisivas tanto no mar quanto em terra. As

principais conquistas do Império japonês foram a Batalha de Yalu, ocorrida ao largo da península coreana, que resultou na destruição da frota naval chinesa, e a Batalha de Weihaiwei<sup>7</sup>, na costa da China, que culminou na conquista da Manchúria<sup>8</sup>. Essas duas vitórias enfraqueceram significativamente a China, abrindo caminho para o Japão se apoderar da Coreia e expandir suas pretensões territoriais sobre áreas chinesas.

A modernização militar, o avanço na tecnologia armamentista e a utilização estratégica das ferrovias foram fatores determinantes para a vitória do Japão, enquanto a China se encontrava com suas tropas despreparadas e suas armas em desvantagem. Essa vitória alterou significativamente a percepção internacional sobre o Japão, que passou a ser reconhecido como uma potência militar e imperial no leste asiático, substituindo a China nesse papel. Assim, o Japão ampliou seus interesses para a Manchúria e para o território continental chinês. Em consequência da derrota, a China foi obrigada a assinar o Tratado de paz de Shimonoseki (1895), pelo qual ela cedia Taiwan e reconhecia a independência da Coreia, que passou a estar sob a tutela japonesa. Além disso, o Império chinês se viu forçado a conceder ao Japão diversos direitos comerciais e territórios. Assim que foi derrotado em terras distantes como o Yalu, Shenyang, Port Arthur e Tsushima, o Japão se apossou da Coreia e a industrializou”. Com essa nova área de apoio “teriam acesso ao território continental chinês.” (FRIEDRICH, 2011, p.178).

## **2.2 A Segunda guerra sino-japonesa**

A Segunda Guerra Sino-Japonesa ocorreu entre 1937 e 1945, sendo que, a partir de 1941, se entrelaçou com os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Desde a Primeira Guerra Sino-Japonesa, a China e o Japão viviam em um contexto de tensões constantes. Dois eventos marcaram o início da Segunda Guerra Sino-Japonesa. O primeiro, conhecido como o Incidente de Mukden, foi

---

<sup>7</sup> A Batalha de Weihaiwei foi um confronto entre a China e o Japão que ocorreu entre 20 de janeiro e 12 de fevereiro de 1895, na cidade de Weihai, na província de Shandong, na China. A batalha foi a última grande batalha da Primeira Guerra Sino-Japonesa e resultou na vitória dos japoneses. A vitória japonesa foi o resultado de uma combinação de táticas militares superiores e de um ataque coordenado entre terra e mar.

<sup>8</sup> Termo que se refere a região do nordeste da China.

um ataque orquestrado pelo Japão à ferrovia chinesa na Manchúria, com o objetivo de tomar o controle da região e transformá-la em um Estado Fantoche sob domínio japonês. O segundo evento, que deu início efetivo à guerra, ocorreu na Ponte Marco Polo, em Pequim a capital da China, quando tropas chinesas e japonesas entraram em confronto. O Japão utilizou esse episódio como pretexto para declarar guerra à China, visando a conquista de territórios e a exploração dos recursos naturais da região, aproveitando também a que as tropas chinesas estavam em desvantagem numérica e com armamentos inferiores.

El 7 de julio de 1937, los japoneses atacaron a China en el Puente de Marco Polo, cerca de Beijing. En realidad, esta acción, considerada generalmente como el comienzo de la segunda guerra sino-japonesa (y, según algunos historiadores, el principio de la Segunda Guerra Mundial) fue solo el peor de una serie de incidentes entre las fuerzas armadas japonesas y chinas. Hasta este punto, los chinos habían tenido la sabiduría de no provocar más enfrentamientos con Japón, pues no estaban preparados para luchar contra su poderoso ejército imperial. Esto se debía a varias razones que ya hemos expuesto, como el pobre entrenamiento de sus tropas, la corrupción de sus oficiales y la falta de equipamiento. (CLAYTON, 2020, p. 46).

A resistência chinesa era formada por cidadãos voluntários dispostos a defender o país e engajados em dois grupos principais que buscavam expulsar o Japão: os Nacionalistas, sob a liderança de Chiang Kai-Shek<sup>9</sup>, e os Comunistas, liderados por Mao Tsé-Tung<sup>10</sup>. Apesar de compartilharem o mesmo objetivo, os dois grupos entraram em confronto para determinar quem assumiria o comando da China após o fim da guerra.

En 1931, China era una nación dividida. Ya había una guerra en pequeños arrebatos entre comunistas y nacionalistas, los extranjeros controlaban gran parte de la economía y el gobierno central se comprometía con señores de la guerra corruptos que controlaban sus propios ejércitos privados, algunos de los cuales eran de tamaño considerable. (CLAYTON, 2020, p. 24).

Os nacionalistas chineses demonstravam receio em formar uma frente unificada contra o Império japonês, devido à presença de radicais dentro do

---

<sup>9</sup> Político e militar chinês, governou a China de forma intermitente em 1928 e 1949.

<sup>10</sup> Líder comunista, político, teórico e liderança da revolução chinesa, fundador da República Popular da China, governou o país de 1949 até sua morte em 1976.

grupo, alguns dos quais eram pró-japoneses e anticomunistas, que não desejavam se unir em um levante contra o Japão, preferindo continuar sua luta contra os comunistas. No entanto, havia também uma fração do grupo disposta a estabelecer uma aliança com o Partido Comunista para combater o Japão em nome da nação chinesa. Após diversos ataques japoneses, o líder nacionalista concordou, em 1937, em formar uma frente unificada, mesmo assim após essa unificação tenha ocorrido levantes contra os comunistas no meio da guerra sino-japonesa.

Os comunistas chineses tinham como principal objetivo manter a unidade interna para salvar a China e libertá-la dos ataques do Japão, buscando recuperar a autonomia do país. Com esse propósito, convocaram todas as Forças Armadas chinesas, incluindo o Exército Vermelho, a apoiarem a declaração de Chiang Kai-shek, em julho de 1937, de "assumir a responsabilidade de resistir ao Japão e defender a pátria" (POMAR, 2003, p. 64).

Ao contrário da China, o Japão impunha aos homens a obrigação de servir no exército. A violência era institucionalizada dentro dos batalhões militares, sendo direcionada, sobretudo, à população civil chinesa. Além de ataques brutais, massacres e abusos, o Império japonês criou a Unidade 731, uma divisão inicialmente estabelecida com a finalidade de monitorar a água, a fim de evitar que o exército fosse envenenado ou contaminado. No entanto, à medida que a guerra avançava, a unidade passou a ser utilizada para diversos fins, incluindo a realização de experimentos e testes em seres humanos, com o intuito de promover o uso de armas químicas e biológicas contra os civis.

...la Unidad 731 decidió realizar experimentos que van más allá de lo imaginable. En al menos una ocasión, un prisionero recibió una transfusión en la que se reemplazó su sangre con sangre de caballo. Murió en agonía. En otros experimentos, varias personas fueron expuestas a varios tipos de quemaduras para probar los límites de la resistencia humana, así como los mismos experimentos de presión de aire que ya hicieran los médicos nazis, en los que los prisioneros entraban en cámaras selladas para someterlos a presiones bajas hasta que, literalmente, explotaban. También se les inyectó agua de mar, fueron introducidos en centrifugadoras para dar vueltas hasta la muerte, y recibieron cantidades letales de rayos X (a veces en una sola sesión). Un equipo de la Unidad 731 parecía disfrutar realizando operaciones sin propósito médico o investigativo. En ocasiones amputaron miembros para adherirlos a otras partes del cuerpo. Otros horrores incluyeron electrocuciones, ahogamientos, y

pruebas de armas en cuerpos humanos. Las prisioneras fueron repetidamente violadas, a veces por otros prisioneros contagiados con enfermedades de transmisión sexual. Otras mujeres fueron deliberadamente fecundadas solo para torturarlas después y ver si el feto sobrevivía. Los bebés que no murieron de esta forma fueron abortados o asesinados poco después de nacer. (CLAYTON, 2020, p. 99).

A resistência chinesa recebeu apoio internacional dos Estados Unidos e da União Soviética, concretizado por meio da venda de armamentos e do fornecimento de treinamentos militares. Com a entrada dos Estados Unidos na guerra, estabeleceu-se a conexão entre a Segunda Guerra Mundial e a Segunda Guerra Sino-Japonesa. Apesar de importantes conquistas e vitórias, o Japão não conseguiu derrotar completamente a China. Além disso, ao se envolver em múltiplas frentes de combate nas duas guerras, o exército japonês foi enfraquecido, o que resultou em sua derrota. A derrota do Japão e a resistência chinesa permitiram o ressurgimento da China como uma potência asiática no pós-guerra, enquanto o Japão enfrentava investigações sobre os crimes de guerra cometidos durante seu império.

**Figura 1-** Mapa da Expansão Japonesa.



Fonte: Aula Zen, 2018.

Disponível em: <https://aulazen.com/historia/expansao-japonesa-expansionismo-japones/>

Acesso em: 6 de dez de 2024.

Em 1946, o Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente, julgou oficiais japoneses pelos crimes cometidos durante a guerra. “Eram oficiais superiores, oficiais militares e de baixa patente, 19 militares e nove civis. Dos 28 arguidos, 23 dos 25 foram considerados culpados de conspiração criminosa.” (BAILLIOT, 2023, p. 26). No entanto esse julgamento deixou muitas pessoas e grupos sociais insatisfeitos, pois em nenhum momento do julgamento os médicos e responsáveis pela unidade 731 foram citados ou julgados, sendo que essa unidade fez em torno de 9 mil vítimas, que foram torturadas física e mentalmente além de servirem como cobaias humanas para testes de armas biológicas. Deixando assim muitos culpados sem punição e vítimas desamparadas.

### **3 O MASSACRE DE NAMQUIM E AS MULHERES CONFORTO**

Durante o período de colonização forçada do Japão na China e suas incursões expansionistas, o Império japonês recorreu a diversas formas de violência, não se limitando à violência física, mas também empregando a violência sexual como uma prática sistemática. Um dos exemplos mais emblemáticos desse comportamento foi o Massacre de Nanquim. No início de dezembro de 1937, quando o exército japonês chegou a Nanquim, o líder nacionalista chinês Chiang Kai-shek havia fugido, deixando milhares de soldados sem comando, juntamente com alguns ocidentais. Na tomada da capital da China, os primeiros alvos dos japoneses foram os soldados chineses, que foram executados e perseguidos, sendo massacrados mesmo após a rendição. Após o ataque aos militares, os homens de todas as idades passaram a ser alvos, pois entre os civis poderia haver soldados disfarçados tentando sobreviver.

Os oficiais japoneses suspeitavam da presença de militares entre os civis, e esta caçada depressa se tornou numa caçada para todos os homens entre os 14 e 50 anos de idade. De modo a distinguir os civis dos soldados chineses escondidos entre a população, os japoneses verificaram a presença de marcas características deixadas por bonés militares na testa dos homens. Na maioria dos casos, os homens com ou sem marcas são executados. (BAILLIOT, 2023, p. 17).

O Japão impôs um regime de terror sobre os civis, utilizando-se de assassinatos, tortura, humilhação pública e violação dos direitos humanos. Mesmo após a rendição dos civis, o Império japonês não poupou ninguém da violência sistematicamente exercida pelo exército nipônico. As mulheres foram as principais vítimas desse contexto, sofrendo não apenas tortura física e humilhação pública, mas também sendo submetidas a violações, estupros e assassinatos. Esses ataques afetaram meninas e mulheres, independentemente da faixa etária.

Neste caos, as mulheres são particularmente visadas, sendo violadas, torturadas e mortas. Segundo as testemunhas, o número de vítimas de todas as idades varia de 8.000 a 20.000 pessoas. A proteção da zona de segurança é mais do que precária. Rabe relata que os japoneses vão lá regularmente para raptar centenas de homens e mulheres, quer para os executar, quer para os violar. As mulheres que resistem – ou não – são assassinadas, estripadas, estripadas ou não estripada. (BAILLIOT, 2023, p.19).

Entre os soldados abandonados sem comando, encontravam-se alguns estrangeiros que, durante a invasão japonesa, estabeleceram uma zona de segurança e o Comitê Internacional da Zona de Segurança de Nanquim<sup>11</sup>, com o objetivo de auxiliar os civis que não haviam conseguido fugir da cidade. A liderança dessa zona foi confiada a um empresário alemão, John Rabe, membro do Partido Nazista. Devido à sua posição, os civis e outros estrangeiros esperavam que ele pudesse utilizar sua influência junto aos japoneses para mitigar a violência e melhorar as condições da situação. Pelo período de várias semanas, “Rabe abrigou várias centenas de civis chineses na sua própria casa

---

<sup>11</sup> Capital Chinesa.

e na sua propriedade. Cerca de 250.000 refugiados na zona de segurança foram poupados ao massacre”. (BAILLIOT, 2023, p. 13).

Em junho de 1938, John Rabe tentou sensibilizar Hitler (estadista alemão, 1889-1945) para os massacres cometidos na Ásia. Em troca, foi detido pela Gestapo. Libertado, foi novamente preso no final da guerra pelos soviéticos que o entregaram aos britânicos, mas não foi condenado pelos Aliados graças às suas ações humanitárias em Nanking. Morreu em Berlim de um ataque cardíaco a 5 de janeiro de 1950. (BAILLIOT, 2023, p.13).

Em dezembro de 1937 houve uma grande diminuição dos ataques realizados em Nanquim, principalmente por conta das comemorações de fim do ano, e voltaram a acontecer no início do ano de 1938. No início de fevereiro de 1938, um governo civil chinês de colaboração foi criado e gradualmente restabeleceu a ordem: as atrocidades cometidas em Nanquim diminuíram significativamente. No dia 18 de fevereiro, o Comité Internacional da Zona de Segurança de Nanquim passou a se chamar Comité Internacional de Salvamento de Nanquim. Finalmente, no mesmo mês, os líderes do ataque regressaram ao Japão, marcando o fim do massacre de Nanquim.” (BAILLIOT, 2023, p. 21).

Em 1946 foi criado o Tribunal de Crimes de Guerra de Nanquim, dirigido pelo líder nacionalista chinês Chiang Kai-Sek que condenou quatro líderes do ataque. “O General Yasuji Okamura (1884-1966), tenente-general em 1936 e depois primeiro comandante-chefe do 11º exército a China em 1938, “foi considerado culpado de crimes de guerra. No entanto, foi protegido por Chiang Kai-shek, que o recrutou como conselheiro militar “. (BAILLIOT, 2023, p. 26).

As práticas de abuso sexual contra mulheres vêm de antes do massacre de Nanquim, iniciaram em 1932 pelo império japonês, porém após o massacre essa prática se intensifica. O Japão preocupado que esses fatos poderiam afetar sua imagem internacionalmente, procurou uma forma de manter o bem-estar de seus soldados de uma forma mais privada. As estações de conforto visavam aliviar o estresse dos soldados de uma forma discreta e segura. Dessa forma, não pegariam doenças sexualmente transmissíveis e manteriam a imagem do império japonês perante o resto do mundo. Esse sistema consistia na exploração

sexual de mulheres e meninas, que eram sequestradas, transportadas e aprisionadas nas estações conforto, configurando assim a prática como tráfico e escravidão sexual.

O sistema de conforto feminino começou por volta da época do incidente de Xangai em 1932 e continuou até ao fim da Segunda Guerra Mundial. Considera-se que cerca de 70.000 a 200.000 mulheres foram exploradas como mulheres de conforto, e 80% delas eram coreanas. O objetivo do sistema era reduzir a brutalidade dos soldados para parar de violar civis, e prevenir a propagação de doenças venéreas entre os soldados. (ADACHI, 2020, p. 5).

No início da implementação do sistema, o Japão contratou prostitutas japonesas, que trabalharam nas estações de forma voluntária. No entanto, para conseguirem dar conta da demanda de soldados tiveram que encontrar uma alternativa para suprir o número de mulheres necessárias, então o Japão buscou em seus territórios dominados mulheres que não sabiam para onde estavam indo. As escravas sexuais eram recrutadas através de alguns métodos, como falsas promessas de emprego em fábricas japonesas, uma vez que as mulheres se encontravam em situações precárias por conta de seu colonizador e assim acreditavam ter encontrado uma forma de ajudar a sua família. Uma outra prática de recrutamento, a segunda mais praticada, era através do sequestro de meninas que normalmente estavam sozinhas ou que não tinham mais família.

Segundo Fabrini:

O tráfico de tais mulheres era realizado de diversas formas: podia ser por meio de falsas propostas de emprego, sequestro, venda por parte da família ou até mesmo a menção dos serviços de conforto, porém, de forma incompleta ou errônea (ARGIBAY, 2003; KOREAN COUNCIL, 2020). Todavia, o que fazia as vítimas ficarem suscetíveis a tal golpe era a condição de miséria que assolava os países que foram invadidos e dominados pelo Japão Imperial (ARGIBAY, 2003; GENDRY-KIM, 2020). Dessa forma, movidas pelo desespero e pela necessidade de mudança de vida para elas e suas famílias, as mulheres e meninas se tornaram alvos fáceis para os recrutadores do exército. (ARGIBAY; GENDRY-KIM apud FABRINI, 2022, p.11).

Existiam três tipos de estação de conforto. “O primeiro tipo foi estabelecido e gerido pelos militares. O segundo foi estabelecido por e para militares, mas gerido por indivíduos privados. O terceiro era a utilização temporária de bordéis

existentes”. (ADACHI, 2020, p.16). Pode-se assim identificar a ligação direta dos militares japoneses na utilização, criação e gerência das estações de conforto e das atrocidades praticadas contra as mulheres que para lá foram levadas. “Uma equipe de pesquisa da Universidade Nacional de Seul financiada pelo governo descobriu as filmagens<sup>12</sup>, que foram feitas em 1944 por um soldado norte-americano, nos Arquivos Nacionais dos Estados Unidos após uma busca de dois anos.” (G1, 2017)

Nessas estações as mulheres além de serem escravizadas sexualmente, sofriam de humilhações contínuas que perduraram mesmo após o fim do sistema, um exemplo disso são as alegações do Japão ao dizer que as mulheres que estavam nas estações eram prostitutas e que ganhavam por seu trabalho. Os soldados após abusarem das mulheres/meninas lhes davam notas de dinheiro militar. Esse dinheiro circulava nos postos militares e essas notas segundo alegações do Japão no pós-guerra eram utilizadas no pagamento dos serviços sexuais, como forma de alegar que as vítimas eram prostitutas, e não escravas sexuais, no entanto elas não tinham sua liberdade e muito menos o livre arbítrio. Essas notas serviam como forma de tortura psicológica, para afetar e diminuir-las, e não como forma de pagamento como o Japão alega.

**Figura 2** – Mulheres conforto com soldado japonês.

---

<sup>12</sup> Vídeo disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/imagens-raras-mostram-mulheres-de-conforto-coreanas-da-2-guerra-mundial.ghtml> .



Fonte: Hankyoreh, 2019.

Disponível em: [https://english.hani.co.kr/arti/english\\_edition/e\\_international/834094.html](https://english.hani.co.kr/arti/english_edition/e_international/834094.html)

Acesso em: 23 de nov de 2024

A imagem acima define bem a realidade das mulheres conforto. O soldado japonês posa para foto sorrindo, com seu uniforme limpo (que as mulheres das estações eram obrigadas a manter limpos) e arma a mostra (utilizada para amedrontar e ameaçar as mulheres). Já as mulheres podem-se identificar a tristeza e dor em seus rostos. Apresentam também machucados cobertos por ataduras, além de sujeira no rosto de uma delas, estando uma delas grávida.

### 3.1.0 REUSO DE RELATOS DAS VÍTIMAS

Estudar as mulheres que foram vítimas da escravidão sexual é um desafio atualmente. O assunto faz parte da história recente do oriente, que não recebem tanta importância do ocidente resultado dos interesses da mídia e da sociedade ocidental. Se criou um ideal onde tudo do ocidente é mais importante que o oriente, dificultando assim a busca por fontes que possam ser utilizadas para analisar os fatos e debater sobre ele atualmente. O que se sabe sobre os fatos

são de alguns documentos, sendo a maior parte relatos das sobreviventes que tornaram público suas experiências. Serão utilizados os relatos das mulheres que viveram no Sistema de conforto, tendo sido elas realizadas, por entrevistas pela Asian Women Found (AWF) e de grupo feminista de "mulheres de conforto" filipinas chamado Lila-Pilipina, tendo o objetivo de dar voz a quem por anos foi silenciada. Em relação ao reuso de entrevistas, é necessário destacar que:

Quando tomamos acervos de história oral como “patrimônio” cuja produção cabe investigar, ampliamos as possibilidades de reuso das entrevistas, tornando documentos para estudos dedicados a história da memória”. Assim, a partir de uma coleção de memórias individuais, busca-se a construção de uma memória social acessada pelas narrativas orais. (QUEIROZ, NUNES, ALEXANDRE, BARROS, ELLIOTT, 2023, p. 4).

O sistema de conforto ia além de simplesmente satisfazer os desejos dos soldados. Ele consistia em uma estratégia militar. A prática de capturar mulheres de territórios dominados pelo Japão tinha como objetivo reduzir as etnias consideradas inferiores pelo império japonês. A ausência de conhecimento da língua japonesa era vista como um ponto favorável, uma vez que isso ajudaria a evitar a atuação de espiões e o vazamento de informações. Além disso, essa prática visava destruir a dignidade das mulheres e, em muitos casos, comprometer sua capacidade reprodutiva. Essas ações podem ser comparadas a uma forma de genocídio, com a intenção de erradicar a identidade dessas mulheres.

Ademais, explica-se como estratégia militar o fato de tais mulheres serem mantidas isoladas dos centros das cidades - as casas de conforto eram sediadas em regiões distantes das cidades -, porém próximas aos campos de batalha. Além disso, elas eram traficadas dos países vizinhos, sendo assim, elas não poderiam vazal informações confidenciais ao exército do seu país de origem ou qualquer outro, pois não entendiam o idioma nativo do Japão nem poderiam ou saberiam escapar de seus cativos com facilidade (ARGIBAY, 2003; KOREAN COUNCIL, 2020).

As mulheres conforto era “escravas sexuais” naturais de territórios que havia sido “dominado ou que viriam a ser pelo Exército do Império do Sol

Nascente; como por exemplo, a Coréia (até então, unificada), o Taiwan, as Filipinas, a China, entre outros” (WARD, LAY apud FABRINI, 2022, p. 11). A primeira mulher que veio a público testemunhar sobre o tema, e assumir ser mulher de conforto foi Kim Hak Sun, em 1991. Depois dela outras mulheres coreanas e vítimas das estações de conforto passaram a contar suas histórias para o mundo.

Kimiko Kaneda (84 anos) foi uma mulher de conforto, nasceu em Tóquio em 22 de outubro de 1921, seu pai era coreano e a mãe japonesa, logo se mudaram para a Coreia e o pai se tornou padre. Quando tinha 16 anos ela foi para a capital da Coreia em busca de emprego para ajudar sua família. Ao chegar lá foi posta em um trem por soldados japoneses e encaminhada até a China, seguindo depois para uma estação de conforto. Kimiko relata seus dias no lugar em uma entrevista:

*Forçadas a nos tornar uma mulher de conforto. Como me senti? Senti como se tivéssemos sido levados aqui para ser mortos. Não pude deixar de chorar. Ninguém falou. Todos estavam chorando. Naquela noite dormimos lá e de manhã fomos colocados naqueles quartos. Soldados vieram ao meu quarto, mas eu resisti com todas as minhas forças. O primeiro soldado não estava bêbado e quando ele tentou arrancar minhas roupas, eu gritei "Não!" e ele foi embora. O segundo soldado estava bêbado. Ele acenou uma faca para mim e ameaçou me matar se eu não fizesse o que ele dissesse. Mas eu não me importava se eu morresse, e no final ele me esfaqueou. Aqui (ela apontou para o peito). Ele foi levado pela polícia militar e eu fui levada para a enfermaria. Minhas roupas estavam encharcadas de sangue. Fui tratada na enfermaria por vinte dias. Fui mandada de volta para o meu quarto. Um soldado que tinha acabado de voltar da luta entrou. Graças ao tratamento, meu ferimento melhorou muito, mas eu tinha um curativo no peito. Apesar disso, o soldado me atacou, e quando eu não fiz o que ele disse, ele agarrou meus pulsos e me jogou para fora do quarto. Meus pulsos estavam quebrados, e eles ainda estão muito fracos. Aqui estava quebrado... Não há osso aqui. Eu fui chutado por um soldado aqui. Arrancou a pele... você podia ver o osso.<sup>13</sup>*

Maria Rosa Henson (69 anos) também foi vítima da escravidão sexual do império japonês, nasceu nas Filipinas, em 5 de dezembro de 1927, filha de uma empregada doméstica e o pai era o chefe de sua mãe. Em 1942 ela foi estuprada pela primeira vez por soldados japoneses enquanto ia buscar lenha. Os ataques

---

<sup>13</sup> Do vídeo produzido pela AWF, 1998. DIGITAL MUSEUM.

se repetiram algumas vezes, o que a fez criar rancor dos japoneses e entrar para um grupo de guerrilheiros. Porém, em abril de 1943 foi presa em uma estação onde passou nove meses. Segue seu relato do que aconteceu nas instalações:

*Fui forçada a ficar no hospital que eles fizeram como guarnição. Conheci seis mulheres na guarnição depois de dois ou três dias no local. Os soldados japoneses estavam me forçando a fazer sexo com vários de seus colegas. Às vezes, 12 soldados me forçavam a fazer sexo com eles e então eles me deixavam descansar por um tempo, então cerca de 12 soldados faziam sexo comigo novamente. Não havia descanso, eles faziam sexo comigo a cada minuto. É por isso que estávamos muito cansadas. Eles permitiam que você descansasse apenas quando todos eles já tivessem terminado. Talvez, porque éramos sete mulheres na guarnição, houvesse um número menor de soldados para cada uma de nós.<sup>14</sup>*

Com o Imperialismo japonês o Japão desenvolve uma ideia de ser uma raça superior que veio junto de sua modernização. Essa ideia de superioridade aliada as suas concepções machistas acabam por objetificar as mulheres transformando-as em mercadorias. Assim, não somente “sob a marca de colonizadas o corpo dessas mulheres se machuca, mas também sob a de escravas sexuais. Assim os seus corpos viram lugar de dominação e ganham um preço”. (ROLIN,2018, p. 4). Os corpos, as vidas e as histórias das mulheres conforto foram apropriadas de forma desumana pelos japoneses e a luta das que sobreviveram é para manter viva a memória e a verdade do que elas passaram. Assim, de acordo com Corrent:

A investigação sobre a memória de mulheres, possibilitou que determinadas experiências tanto individuais quanto coletivas que adormeciam no passado, abiscoitassem espaço no presente, concedendo voz as mulheres e visibilidade para suas histórias dentro da historiografia que se sucede a década de 1960. Esse fator torna-se relevante não somente para o cenário científico, mas também, devido a valorização das mulheres na história, as quais foram possibilitadas de se sentirem pertencentes a história coletiva. (CORRENT, 2022, p. 10).

---

<sup>14</sup> Lila-Pilipina, Inc. Resumo da narração. Ma. Rosa Henson, 69 anos, Pampanga", Dados preparados: setembro de 1992. DIGITAL MUSEUM.

Oficialmente, o Sistema de Conforto foi encerrado juntamente com a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, após os bombardeios dos Estados Unidos às cidades japonesas. Contudo, diferente do que se esperava, a situação das “mulheres de conforto” não foi completamente resolvida com o fim do conflito armado. (FABRINI, 2022, p.11). Essa resolução não chegou por conta de não terem recebido auxílio governamental para serem reinseridas na sociedade. Pelo contrário, o que receberam foi ataques da sociedade machista em que nasceram, resultando num futuro incerto e sem apoio. Sem saber o que fazer, muitas acabaram se suicidando ou permanecendo no país onde residiram durante o sistema de conforto, por medo do que aconteceria se retornassem para casa. As sobreviventes se mantêm em silêncio publicamente até a década de 90 por medo, e desde então estão lutando para que sua história seja ouvida

#### **4 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

O Japão apresentou com seus crimes de guerra a sociedade machista e patriarcal que fez parte de sua história e que moldou a sua sociedade atual. Entretanto, o dominador não é o único a possuir essas características fundamentando sua sociedade, a Coreia também tem presente em sua sociedade. Pode-se identificar as características patriarcais ao analisamos o que houve com as sobreviventes da escravidão sexual imposta pelo Japão, quando o sistema de conforto é findado e as vítimas voltam para casa. As mulheres quando voltaram para Coreia, advindas de uma realidade de terror, não recebem auxílio governamental nenhum, passando a ser tratadas como prostitutas e culpadas por não terem lutado e defendido sua honra. Por conta disso, elas se mantiveram segredo em relação ao fato de terem participado das estações de conforto. Buscando entender esse silêncio, Nam afirma:

Se se olhar para a história, a Coreia do Sul e o Japão são países de uma cultura de patriarcado, sob a qual as mulheres eram consideradas como uma propriedade e a questão das 'Mulheres de Conforto' era interpretada não como um crime por parte do agressor, mas sim como uma humilhação das vítimas. Numa sociedade patriarcal, estas mulheres eram então vistas como

uma desgraça do povo coreano, e dado que na Coreia do Sul e no Japão ainda persistiam ideais confucianos, as mulheres eram inclusive criticadas, por não protegerem a sua virgindade. Consequentemente, esta perspectiva de que as mulheres tinham tido conduta errada, aliada ao problema das 'Mulheres de Conforto' em si, feriu o orgulho dos homens e deteriorou a imagem do país. E assim, durante mais de 50 anos, as vítimas mantiveram o silêncio, pois a violação sexual às mulheres estava ligada à honra do Estado, e como tal, não devia ser manchada. (NAM, 2018, p.17).

Em 1965, o governo Sul-Coreano realizou um acordo com o Japão onde constava que o antigo dominador deveria indenizar as vítimas do sistema de conforto. No entanto, o governo coreano não estava realizando o acordo com o envolvimento das vítimas, muito menos buscou saber o que as vítimas queriam, afinal as sobreviventes se mantinham caladas publicamente por medo de mais retaliação social. Após a guerra das coreias e a divisão do país entre Coreia do Sul e Coreia do Norte, o governo sul-coreano que passava por instabilidades e problemas financeiros, via no Japão uma forma de aliança para buscar apoio. No entanto, o governo usou as vítimas da escravidão sexual para conseguir dinheiro com o antigo dominador e assim se mostrou ganancioso e corruptivo, pois o dinheiro foi desviado.

Inicialmente, quando o governo japonês manifestou a vontade de fazer outros tipos de compensação individualmente, a Coreia do Sul rejeitou. Para além disso, segundo os registos, apenas 5% do valor da indenização foi efetivamente entregue às vítimas em causa, facto que aliado à corrupção existente no sistema do governo sul-coreano, levou a população sul-coreana a pensar simplesmente que o Japão não tinha pago qualquer compensação. Para piorar as relações, do outro lado, os japoneses tornaram-se desconfiados e incomodados com os sul-coreanos, por serem sempre criticados por um facto que não é verdade, questionando a veracidade da indemnização feita, criando assim, um ciclo vicioso que permaneceu durante muito tempo. Os antigos presidentes da Coreia do Sul que governaram o país sob um regime de ditadura militar foram o 1º presidente, Syngman Rhee, o 3º, Chung-hee Park, e o 5º, Doo-hwan Chun. Desses três, o responsável pelo acordo da resolução do problema das 'Mulheres de Conforto', em 1965, foi Chung-hee Park, que desprezou a gravidade do mesmo e das atrocidades ocorridas durante o período de guerra. (NAM, 2018, p. 23).

Mesmo sem o auxílio de seu país patriarcal (neste caso, das coreanas) e todo sofrimento das mulheres conforto durante sua escravização sexual, pode-se identificar algo positivo após todos os crimes de guerra; o mundo passou a ter uma nova visão e valorização referente aos direitos humanos. Teve fim a ideia de seletividade, de uma raça superior e passa-se a demandar o respeito ao outro.

O artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos define que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.”, declaração esta que foi o fruto da lição aprendida durante as grandes guerras mundiais, e teve como precedentes a criação de inúmeras organizações, governamentais e não governamentais, com a missão de proteger estes direitos. Hoje em dia, violar os direitos mais básicos e essenciais do século XXI, os direitos humanos, é absolutamente criticado pela comunidade internacional. O fim da Segunda Guerra Mundial contribuiu então para esta nova concepção de proteger a dignidade humana, concepção cuja importância e necessidade, a população mundial não entendia profundamente até então. (NAM, 2018, p. 18).

O Japão utilizava da ideia de uma raça superior para usar e tratar seus dominados da forma que bem queriam, como se houvesse uma liberdade racial que lhes autorizava a escravizar, massacrar e dominar. “No caso das mulheres conforto, o governo japonês reconhece a responsabilidade moral, ao mesmo tempo que recusa a responsabilidade legal.” (ADACHI, 2020, p. 4). O sistema da escravatura e do comércio de escravos tinha sido abolido por vários acordos internacionais e muitos Estados tinham eliminado o sistema na prática.

“Além disso, o Japão tinha expressado a sua proibição do comércio quando condenou os comerciantes peruanos que praticavam o comércio de escravos em 1872. A proibição da escravatura tinha-se refletido também nas regras da guerra.” (ADACHI, 2020, p. 19).

Ou seja, o Japão tinha conhecimento das leis e das práticas que estavam sendo exercidas, mas por conta dos ideais machistas cria-se a ideia de que era possível realizar a escravidão sexual de forma que não seriam punidos por tais atos, que de alguma forma ocultariam a verdade sem punições, desumanizando

o feminino. O Japão alega que há falta de provas que comprovem o tráfico e as atrocidades cometidas contra as mulheres. No entanto, se não houvesse algo a ser escondido porque ocorreram queimas de arquivos logo que o Japão perdeu a guerra, além da alteração e censura a documentos históricos? Os acordos que o Japão buscou realizar com o governo coreano em 1965, tinham como objetivo excluir as vítimas da resolução, e simplesmente assim pagar monetariamente pelas atrocidades cometidas. No caso, uma tentativa de comprar o silêncio das vítimas sobreviventes, tentando ocultar do mundo e da história a culpa que carregavam. Segundo Nam:

O facto do governo japonês insistir no fim da indemnização, através do mútuo acordo entre os dois Estados, como o fim de todas as responsabilidades, significa que os indivíduos não podem ultrapassar o Estado. Exigir uma compensação individual para as vítimas é a luta e a importante missão do presente contra o Estado, na qual se defende que o Estado não pode decidir sozinho sobre a vontade individual das vítimas, e deve agir como advogado das mesmas, respeitando as suas exigências e os seus direitos pessoais. (NAM, 2018, p. 25).

O primeiro pedido de indenização individualizado de uma vítima para com seu agressor ocorreu em 1991, quando Kim Hak Sun entrou com uma ação na justiça. Em 19 de julho de 1995, o primeiro-ministro japonês Murayama Tomiichi reconheceu a culpa do estado e criou o Fundo Nacional para as Mulheres na Ásia. No entanto, essa ação somente serviu para humilhar as vítimas novamente, o Japão visou recolher fundos de forma nacional sendo que seu povo não conhecia a verdadeira história das mulheres conforto, acreditavam que na verdade elas eram prostitutas, por qual razão recolher fundos para as mulheres conforto. Esse fundo foi a tentativa do ministro de resolver o problema do passado recente de forma rápida, sem pensar no sofrimento das sobreviventes. As vítimas novamente a ideia de que eram prostitutas. Quando na verdade o que as sobreviventes buscavam era a recuperação dos direitos humanos e que o Japão reconhecesse as atrocidades praticadas contra as mulheres, assumindo suas responsabilidades perante o mundo.

A questão que, no entanto, se revelou mais problemática nesta altura foi o facto de apesar de algumas vítimas terem declarado

que não iam aceitar receber qualquer dinheiro do fundo, houve outras que devido à sua situação precária, aceitaram, o que gerou antagonismo entre as vítimas. Como resultado, o fundo para mulheres na Ásia foi um fracasso com consequências, pois não só gerou uma desconfiança entre as vítimas, mas também no final acabou por as humilhar. Este tipo de indemnização só foi pensado e organizado, devido à falta de consciência da gravidade do crime, por parte do agressor. (NAM, 2018, p. 27).

O Japão possui razões para buscar o encerramento e o ocultamento do assunto, a primeira delas seria evitar ser acusado de coerção, sendo esse um crime muito grave, que viola os direitos humanos. Assim, por coerção entende-se que é “quando um indivíduo é raptado ou levado contra a sua vontade”, e passa a ser “alvo de atos físicos forçados, tais como rapto, tráfico humano, fraude, entre outros, atos esses que são crimes”. (NAM, 2018, p. 28). Ao ser condenado por coerção a desculpa do Japão cai por terra, pois na concepção do estado japonês é aceitável, sem coerção, promover a prostituição para as estações de conforto para as tropas militares. Mesmo havendo provas documentais de que as mulheres de nacionalidades distintas do agressor tinham sido sequestradas e mantidas contra sua vontade, elas não são aceitas pelo Japão. A principal motivação que poderia estar vinculada a intenção do Japão de continuar negando os fatos, e não reconhecer as provas é do medo do quanto os acontecimentos podem impactar na história do Japão e na sua sociedade.

...mesmo que o sistema de prostituição fosse controlado e autorizado pelas autoridades no Japão, e na Coreia, por anexação, não tem lógica reclamar que estas mulheres prestavam o serviço voluntariamente como prostitutas, pois as notas militares forçadamente recebidas em troca, eram somente papéis sem utilidade, utilizadas hoje em dia com o intuito de criticar as mulheres sobreviventes. Tal como já havia sido mencionado acima, este argumento por parte do Japão apenas mostra que a sociedade e a política do país ainda vivem no androcentrismo nos dias de hoje, ao afirmar orgulhosamente que a compra e venda do sexo das mulheres daquela época era legal para justificar tais actos. (NAM, 2018, p. 29).

Enquanto o Japão continua buscando o esquecimento para que não fique marcado na história do país, as vítimas querem tornar suas histórias conhecidas, marcadas e apresentadas nos livros de história, para que o mesmo não volte a acontecer. Um dos movimentos atuais realizados na Coreia do Sul

para que o fato não seja esquecido, foi a colocação de estatuas de uma menina de bronze pela cidade da capital, Busan. Em 2011, a primeira estátua foi colocada na frente da embaixada japonesa na Coreia do Sul. O que causou “desconforto” no Japão que pediu para ela ser removida, o impasse entre o Japão e a Coreia resultou com a permanência da estátua, que representa as mulheres/meninas que foram desumanizadas e torturadas pelos soldados japoneses. O olhar da estátua mostra a dor e o sofrimento vivido pelas mulheres conforto, enquanto a cadeira vazia mostra a solidão, e a desilusão de um amanhã digno e livre. A população coreana sempre que encontra as estátuas se sentam na cadeira ao lado, ou até mesmo as agasalham, como podemos ver na imagem abaixo.

**Figura 2 - Estatua da Paz – Coreia do Sul:**



Fonte: Artrianon, 2011.

Disponível em: <https://artrianon.com/2017/01/23/estatua-homenageando-mulheres-estupradas-na-2a-guerra-gera-impasse-na-coreia-do-sul/>

## 5 CONCLUSÃO

O sistema e a prática das mulheres conforto é um exemplo de como a sociedade e a política militar japonesa desconsideravam os direitos humanos e as dignidades básicas das mulheres, tratando-as como simples instrumentos para satisfazer as necessidades dos soldados, efeitos do machismo e do patriarcado que envolviam o império nipônico. O estudo das Guerras Sino-Japonesas e do sistema das "mulheres conforto" revela um lado sombrio da história do império japonês e da sociedade asiática do século XX, marcada pela violência, exploração e desumanização de mulheres durante os conflitos. As duas Guerras Sino-Japonesas (1894-1895 e 1937-1945) não apenas moldaram o destino dos países envolvidos, como também deixaram um legado de profundo sofrimento, especialmente para as mulheres que foram forçadas a servir como escravas sexuais nas estações de conforto militar (1932 - 1945) criadas e estabelecidas pelo Japão Imperial. Este sistema de abuso sexual institucionalizado, que envolvia a coerção de mulheres de diversas nacionalidades, sobretudo coreanas e chinesas, tornou-se um dos aspectos mais desumanos e ocultos dessa fase da história.

As mulheres conforto, que na maioria das vezes foram recrutadas à força, foram submetidas a violências físicas e psicológicas extremas, com pouca ou nenhuma chance de fuga ou proteção. As narrativas históricas sobre essas mulheres foram silenciadas por décadas, mas, ao longo dos anos passou a ganhar espaço nas discussões, algo devido ao próprio espaço que a mulher passou a ter na sociedade. Através da história oral, mulheres conforto entenderam a importância de falar e contar o que aconteceu com elas, apresentando suas experiências nas estações durante o conflito.

O impacto dos relatos traumáticos não se restringiu ao período da guerra, mas seus efeitos transcorreram por gerações, afetando profundamente as mulheres sobreviventes e famílias. O estigma social, a falta de apoio psicológico e as dificuldades para reintegrar-se à sociedade foram obstáculos significativos enfrentados pelas mulheres que conseguiram sobreviver. A sociedade que deveria ter acolhido as vítimas e lutado por justiça, julgou as mulheres e as

condenou como culpadas. Desse modo, um dos objetivos ao trazer a história a público, é o de confortar as sobreviventes que se mantiveram em silêncio. Além disso, o Japão demorou a reconhecer formalmente a responsabilidade pelos abusos cometidos, um ponto que continua a ser uma fonte de tensão nas relações diplomáticas com países como a China e a Coreia do Sul.

Não é possível compreender o sistema de conforto sem entender a relação entre as Guerras Sino-Japonesas. As mulheres conforto faz parte das consequências trazidas pelas guerras e interesses expansionistas do império japonês. A utilização sistemática do estupro como arma de guerra evidencia a violência estrutural contra o gênero feminino, que vai além da mera destruição física, impactando também nas estruturas sociais e culturais das sociedades envolvidas. O sistema de escravidão sexual praticado pelo império japonês, é um exemplo de como uma sociedade patriarcal lida com as mulheres, não somente em períodos de conflitos militares, mas diariamente, e atualmente o tráfico de mulheres é um assunto atual e lucrativo para muitas sociedades, inclusive a japonesa. O sistema de conforto fortaleceu e evidenciou o machismo que já existia na Coreia do Sul. Foi utilizado como pretexto para praticá-lo livremente e fortalecer sua estruturação em todas as áreas sociais, principalmente na desigualdade salarial e julgamentos morais em relação ao feminino. Mesmo após tanta dor e sofrimento, as mulheres que sobreviveram buscaram contar suas histórias e de suas companheiras que não resistiram. Ao fazerem isso, elas estão inspirando outras mulheres a buscarem mais igualdade social e justiça.

## REFERÊNCIAS

NAM, Sun Young. **As relações diplomáticas entre a Coreia do Sul e o Japão: o caso das 'Mulheres de Conforto' da Coreia.** Universidade de Lisboa Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2018.

POMAR, Wladimir. **A revolução Chinesa.** Editora Unesp, 2003.

ADACHI, Naoko. **A responsabilidade legal dos Estados por ações passadas A Situação das Mulheres de Conforto.** Edições Nosso Conhecimento, 2020.

FRIEDRICH, Jorg. **Yalu À beira da terceira guerra mundial.** Editora Record, 2011.

FABRINI, Raissa Gomes. **SISTEMA DE CONFORTO E O TRÁFICO SEXUAL INTERNACIONAL DE MULHERES NO JAPÃO: UMA CORRELAÇÃO ENTRE AS DUAS PROBLEMÁTICAS.** Universidade federal de Uberlândia, 2022.

BAILLIOT, Magali. **O Massacre de Nanquim Um episódio terrível na guerra sino-japonesa.** Editora 50MINUTES.com, 2023.

CLAYTON, Matt. **La Segunda Guerra Sino-Japonesa: Una Fascinante Guía del Conflicto Militar entre China y Japón, Incluyendo Eventos como la Invasión Japonesa de Manchuria y la Masacre de Nankín.** Editora Captivating History, 2020.

DIGITAL MUSEUM. THE CONFORT WOMEN ISSUE AND THE ASIAN WOMEN'S FUND. **TESTEMUNHO DAS VÍTIMAS.** < <https://www.awf.or.jp/e3/oralhistory-00.html> > Acesso em: 27 de nov de 2024

WIKIMEDIA COMMONS. **File:Unit 731 - Complex.jpg.** < [https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Unit\\_731\\_-\\_Complex.jpg](https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Unit_731_-_Complex.jpg) > Acesso em: 23 de nov de 2024.

FELDEN, Esther. **Uncomforting truth.** < <https://www.dw.com/en/former-comfort-woman-tells-uncomforting-story/a-17060384> > Acesso em: 23 de nov de 2024.

CORRENT, Nikolas. **HISTÓRIA ORAL & HISTÓRIA DAS MULHERES: ENTRE SILENCIAMENTOS E MEMÓRIAS.** História e Cultura. Dossiê Temático. v.11, n.1, jul/2022.

QUEIROZ, Priscilla Régis Cunha De; NUNES, Katty Anne de Souza; ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira; BARROS, Arysa Cabral; ELLIOTT, Ariluci Goes. **NARRATIVAS ORAIS DE MULHERES LEITORAS ENQUANTO MEMÓRIA SOCIAL.** GT-10 – Informação e Memória.